



A PANDEMIA: APRENDIZADO E DESAFIOS PARA O FUTURO

Ernanda Maria de JESUS ¹
Fernanda de Matos Lima MADRID²

RESUMO: O presente trabalho tratou de forma sucinta os impactos da pandemia do novo coronavírus. As mudanças nas relações humanas e sociais. As dificuldades para se fazer o isolamento social, os boicotes dos negacionistas e a reação das pessoas em relação as mortes. Uma reflexão clara sobre os questionamentos pós pandemia, e as mudanças sofridas ao longo desses meses difíceis, e sobre o futuro e o novo normal.

Palavras Chaves: Pandemia. Isolamento Social. Ciência. Aprendizado.

1 INTRODUÇÃO

O breve estudo tratou de analisar as várias nuances do momento inédito que a geração atual está passando.

Em meio a uma pandemia de uma doença totalmente desconhecida, e cujo tratamento também é uma incógnita para a medicina e a ciência, o controle seria um isolamento social, e uma mudança drástica na maneira de viver dos habitantes da terra.

De uma hora para outra, o mundo parou, trabalhos foram interrompidos, aglomerações estavam proibidas, pessoas confinadas em casa, escolas fechadas, uma nova forma de trabalhar foi adicionada ao cotidiano das pessoas.

E além de todos os reveses, as mortes chegaram, pessoas perderam seus parentes, choraram.

¹Mestranda em Criminologia pela Universidad de La Empresa, Montevideo, Uruguai. Graduada em Direito Penal e Pós graduada em Direito Penal e Direito Processual Penal, pelo Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo, Presidente Prudente/SP, professora e advogada.

² Doutoranda em Ciências Jurídicas e Mestre em Ciências Jurídicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Especialista em Direito Penal e Processo Penal pela Universidade Estadual de Londrina. Graduada em Direito no Centro “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Professora de Direito Penal do Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Advogada criminalista.

No Brasil, o isolamento social foi feito do “jeitinho brasileiro”, alguns negaram a doença, a ciência, e as mortes parecem ser algo normal, pois apesar de estar entre os países com maior número de contaminados e o segundo em número de mortes, isso parece não sensibilizar a grande massa brasileira.

Em meio a tudo isso, será que algo foi aprendido? Quais os reflexos futuros?

Com uma breve pesquisa científica e objetiva dos fatos, o presente trabalho tratou de analisar os impactos da pandemia na sociedade brasileira.

O método utilizado foi o da pesquisa bibliográfica, e virtual.

O objeto é analisar o comportamento da sociedade como um todo aos acontecimentos atuais, visando uma reflexão para o futuro.

2 UM ANO DIFÍCIL – 2020 NÃO SERÁ ESQUECIDO

Neste ano, algo inédito aconteceu, uma coisa extremamente pequena, invisível a olho nu, parou o planeta.

Fazendo uma análise rápida, muito são os questionamentos: Quais foram as mudanças e aprendizados? O que foi absorvido? Como foi a reação das pessoas a doença, ao isolamento social, a perspectiva da vacina? Avançamos nas relações humanas? Perguntas não faltam, talvez leve um tempo para se digerir e entender o que aconteceu e como tudo isso afetou o mundo e especialmente os brasileiros.

O mundo e as pessoas estavam acostumados a um ritmo de vida, a sair de casa e voltar em determinados horários, uma rotina acelerada todos os dias, casa, trabalho, escola de filhos, ir ao mercado, shopping, a vida parecia normal, e apesar da correria, até tranquila.

De repente algo mudou, foi necessário reinventar a rotina, se descobrir como uma pessoa estrangeira, ser mais flexíveis, menos congestionados, menos poluidores, percebeu-se que não é necessário todo mundo sair de casa e voltar no mesmo horário (SCHWARCZ, 2020, p. 3).

Segundo Lília Schwarcz, nem todos estão passando por isso da mesma maneira, há grandes diferenças a depender da raça, classe, gênero (2020, p. 3).

Em relação às mulheres, os afazeres da casa dobraram devido a permanência das crianças em tempo integral em casa, por conta do fechamento das escolas, além de terem que auxiliar os filhos nos deveres e trabalhos escolares pela internet, e muitas ainda trabalharam em casa em *home office*.

Claro, que isso em classes que possibilitam tais comodidades, porque nem todas as famílias tem computador em casa, as mulheres de classe mais elevada têm mais recursos e podem lidar melhor com o seu tempo diante do trabalho que é muito diferente no caso das mulheres de baixa renda e negras (SCHWARCZ, 2020, p. 5).

A pandemia mostrou entre outras coisas que a desigualdade do país se mostra implacável nestes momentos, nas periferias a violência doméstica ficou mais acentuada devido o convívio diário entre os casais.

A doença trazida pelos ricos após o retorno de suas viagens a Europa, agora invade as favelas e periferias, onde a população é, em sua maioria preta e parda, exposta a todo tipo de informação, as falsas e verdadeiras, todas ao mesmo tempo, causando medo e desconfiança quanto ao futuro.

Se para uma pessoa que mora em um bairro de classe média alta o isolamento teve uma função de evitar contaminações e preservar a vida dos pertencentes ao grupo de risco da família, nas periferias ele foi recebido com preocupação, pois boa parte dessas pessoas precisa trabalhar para sobreviver, e fazer sobreviver quem delas depende, em muitos casos, idosos e crianças.

A percepção das mortes também foi sentida de forma diferente por aqui, enquanto eram registradas mais de 800 mortes diárias na Itália, parecia que isso afetava o Brasil, quando esses números chegaram por aqui, o impacto foi diferente, os brasileiros perderam a sensibilidade pelas mortes, e isso tem uma explicação: a dureza da vida dos brasileiros já tão acostumados a morte nos grandes centros, as ridículas comparações feitas pelos maus intencionados com mortes provocadas por outras doenças, acidentes, violência e etc. e pelo comportamento do presidente da República.

Durante toda a pandemia, o mandatário da nação se comportou sempre no negacionismo, relativizando a doença, criticando as notícias dadas pelos telejornais, amenizando os números, dizendo que poderiam estar inflados, não usando máscaras, participando de manifestações pró governo, e o pior de tudo: boicotou todo e qualquer tipo de isolamento social promovido pelos governadores e

prefeitos que acabaram desistindo aos poucos das medidas, demitiu dois ministros da saúde, não dando importância a ciência e deixando os brasileiros a própria sorte

Com tantas informações desconhecidas, cada pessoa fez o isolamento que quis fazer, as mortes não pararam e ainda continuam altas, até o momento são mais de 128 mil brasileiros que perderam a vida para um vírus e para a ignorância.

A ignorância que o Brasil é “quente demais”, o “brasileiro é forte e rústico”, somos um “país de jovens”, tudo isso na concepção de muitos impediria o vírus de circular, mas o que se viu foi um desastre em estados como o Pará e do nordeste que são extremamente quentes, e muitos jovens contaminados e morrendo. A ignorância maior foi achar que o vírus seria mais um “vírus de gripe”, e que por alguma razão o Brasil seria poupado da pandemia, quando as mortes estavam altas na Itália, diziam que era porque era um país frio e de idoso, e o que estava acontecendo lá não aconteceria aqui, segundo o próprio presidente da República em pronunciamento a nação, teríamos pouco mais de 800 mortos, assim como foi com a H1N1.

Em relação ao isolamento, este foi feito de maneira precária, poucas pessoas levaram realmente a sério, é claro que alguns substratos sociais devem ser levados em consideração, as classe mais altas puderam se isolar em seus “lares” com cômodos espaçosos, mas nas favelas e periferias isso não é possível. Sem falar que parte dessas pessoas precisam se deslocar para o trabalho, em ônibus lotados, e muitos trabalham na linha de frente como profissionais da saúde.

Teve ainda aquela parcela que simplesmente ignorou qualquer admoestação acerca do perigo, em um negacionismo impressionante.

A doença trazida pelos ricos atingiu as camadas mais pobres, desnudando a imensa desigualdade brasileira.

2.1 As Relações Humanas em Meio ao Caos

Em que pese às relações humanas, ainda é cedo para uma análise mais detalhada, mas já a pandemia mostrou para o mundo que afinal o brasileiro não é exatamente um povo amável e empático como se imaginava.

Dentre as muitas loucuras vivenciadas neste período, algumas merecem destaques, em Belo Horizonte uma mulher em vídeo disse que caixões estavam sendo enterrados com pedras e pedaços de madeira, uma falta de respeito para com os familiares dos mortos pela doença (DA REDAÇÃO, 2020, s/p).

Já no Pará os familiares de uma pessoa que morreu com sintomas da Covid-19, brigaram com profissionais da saúde para que não fosse colocado no atestado de óbito "suspeita de Covid-19" apesar da constatação dos sintomas, episódios como esse demonstram um negacionismo sem explicação (FORUM, 2020, s/p).

Durante uma transmissão ao vivo pelo Facebook, o presidente da República incentivou as pessoas para verificarem se os hospitais de campanha estavam com os leitos ocupados, só se esqueceu que estes ambientes são de entrada controlada pelo alto índice de infecção, e não demorou muito para alguns episódios acontecerem.

Na tarde de 4 de junho, uma enfermeira, que trabalha no Hospital de Campanha do Anhembi, em São Paulo, notou uma movimentação estranha enquanto voltava do horário de almoço. Ela observou que havia muitas pessoas na porta, e muita gente entrando no hospital sem colocar a roupa própria para proteção. Pouco depois, ela descobriu que se tratava de uma "invasão" de deputados estaduais de São Paulo ao hospital. Mesmo sem autorização, eles tentavam entrar no local para, segundo os parlamentares, "fiscalizar" e "apurar possível má utilização de recursos públicos" (UOL, 2020, s/p).

Todas essas manifestações, somadas a resistência ao isolamento, ao uso de máscaras, até mesmo pelos comerciantes, o uso do álcool gel, ao negacionismo quanto ao número de mortes, que para muitos estão inflacionados na tentativa de desmoralizar o presidente da República, que na verdade nem todas essas mortes foram pela Covid-19, mas por outras comorbidades, e que há um complô de médicos e hospitais para manchar a imagem do Brasil e do presidente.

Isso reflete a percepção dos brasileiros mal informados, outros mal intencionados, sem empatia pelos seus compatriotas, colocando por terra a imagem de povo caloroso e afetuoso que o Brasil sempre teve.

Nesta esteira cabe uma reflexão acerca de como as narrativas foram sendo construídas ao longo desses meses, narrativas de negacionismo, de desconfiança em relação à ciência e as práticas médicas.

Aliás, neste em relação aos médicos cabe uma observação importante. Muitos embarcaram nas narrativas em relação a medicamentos não comprovados, que o uso de máscaras não protege, e apesar do presidente da República fazer propaganda de um medicamento sem comprovação científica para Covid-19, o Conselho Federal de Medicina permaneceu calado todo o tempo.

E com tantas informações desencontradas, muitos preferiram amenizar as consequências e o resultado de tanta ignorância se reflete no número assustador de mortes registrado até agora.

2.2 O Aprendizado

Muitos foram os aprendizados. No campo do trabalho, os brasileiros aprenderam a reinventar o modo de exercer suas funções e muitos experimentaram pela primeira vez o *home office* (trabalhar em casa), claro que, para muitos não foi fácil, gerenciar casa, trabalho, filhos, etc, mas o aprendizado ficará. Muitas empresas talvez não mais retornarão ao modo antigo, por perceberem que o profissional rende mais em regime *home office*, muita coisa irá mudar.

Na seara familiar, o aprendizado foi a tolerância, a solidariedade, especialmente em relação aos familiares mais idosos, muitas famílias ficaram e, ainda estão sem ver seus entes queridos durante todos esses meses para protegê-los.

A valorizar os momentos especiais, imagine que de repente, as festas e confraternizações acabaram, os shows, todo tipo de aglomeração ficaram inviáveis, alguns até ficaram meses sem ver entes queridos que moram em outros estados, as relações humanas passaram pelo teste do distanciamento.

Muita coisa deixou de ser feita, o Brasil será cobrado futuramente por isso, mas será que ficou como aprendizado? Será feito diferente em outra ocasião de crise?

Para a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (2020, p.20):

Toda vez que passamos por uma grande crise, nossa principal reação é basicamente a mesma: “Agora nós aprendemos, nunca mais vamos fazer isso”. Mas as crises continuam a acontecer. A pandemia já vinha se anunciando e as nações não tomaram atitudes preventivas, buscando montar exércitos da saúde. Era preciso que se antecipassem à pandemia, não que corresse atrás do prejuízo. Se a humanidade aprendesse com o

passado, os historiadores seriam visionários. Mas infelizmente, não acredito na ideia de que nós deixamos de repetir o passado. Infelizmente a humanidade é teimosa.

Mas como essa geração vive pela primeira vez algo tão impactante, poderia enfim ter aprendido algo, e quem sabe as coisas mudem de alguma forma, principalmente no que tange as estruturas de saúde, acreditando e investindo mais na ciência.

Falando em ciência, é dela que virá a resposta para que a vida volte ao “normal”, se é que isso é possível. Várias vacinas estão sendo testadas em todo o mundo, mas o Brasil passa por um período tão sombrio que movimentos antivacina já começaram se mobilizar, antes mesmo de haver alguma vacina.

Esses movimentos acreditam que vacinas fazem mal a saúde e podem causar moléstias e até matar. A Organização Mundial da Saúde já considerava a rejeição à imunização como uma das principais ameaça sanitárias em 2019, quando o número de casos de sarampo triplicou em relação ao ano anterior. Agora, o problema poderia inclusive chegar a ameaçar a ansiada imunidade de grupo frente ao coronavírus, que, segundo as estimativas mais aceitas, é atingida quando cerca de 70% da população têm anticorpos (SALAS, 2020, s/p).

Parece que nem tudo serviu de aprendizado, o caminho ainda é longo. Mas o Brasil é um país jovem, e ainda há esperança.

2.3 Reflexões para o Futuro

O mundo moderno já passou por acontecimentos de grandes dimensões, como foi o caso das grandes guerras e suas consequências, os ataques às torres gêmeas nos Estados Unidos, todos estes eventos causados pela dureza e irracionalidade humana.

Mas há acontecimentos que fogem do controle do homem, é o caso das doenças e os desastres naturais que acabam por deixar sequelas.

Muitos dizem que, desde a Segunda Guerra Mundial o mundo não passava por algo tão assustador e avassalador quanto a pandemia do novo Coronavírus.

Os impactos econômicos e sociais serão imensos, o mundo terá que se reinventar e arrumar soluções. As nações precisaram reunir esforços juntamente

com seus cidadãos para reerguerem suas economias e superar as perdas que foram irreparáveis.

Só no Brasil até este momento morreram cerca de 128 mil brasileiros, e ficam os questionamentos: quem eram esses brasileiros? Quais foram as contribuições para a nação? O que faziam? Onde moravam? Como viviam? E o mais assustador de se perguntar: se o comportamento da coletividade fosse mais consciente, ajudaria a evitar tantas mortes? E se não fosse a pandemia, quanto tempo ainda teriam de vida?

Alguns desses questionamentos podem ser respondidos pelos familiares dos mortos, cujas vidas não serão mais as mesmas, a pandemia alterou isso para sempre.

Mas há mais questionamentos, estes mais difíceis de serem respondidos, pois muitos acham que a responsabilidade por cada morte é individual, mas não é, ela é coletiva, sim, ela é coletiva.

Afinal, o Brasil fez a coisa certa? As ações para o combate da doença foram seguidas a risca? Houve ações eficientes? As autoridades fizeram sua parte? Houve proteção para quem precisava ser efetivamente protegido? Houve consciência em massa da realidade da pandemia?

Essas perguntas serão respondidas no futuro e pelos resultados obtidos no Brasil até agora, com certeza a avaliação não será positiva.

Mas o Brasil ainda tem muita luta pela frente, a guerra contra o vírus não foi vencida e muito menos contra o vírus da ignorância e a doença moral que assola o país.

Lilia Schwarcz disserta (2020, p. 26):

Sou pessimista no atacado e otimista no varejo. Se cada um exercer sua cidadania, sua vigilância cidadã, quem sabe damos sorte no azar. Quem sabe fazemos dessa crise única na história brasileira – porque é social, econômica, ambiental, cultural, moral e da saúde uma oportunidade.

Mas grandes nações se fazem em momentos difíceis, o Brasil ainda é uma nação jovem, e o caminho é longo, muita coisa não será como antes e deixará sequelas e reflexões para as futuras gerações.

3 CONCLUSÃO

O mundo está enfrentando, talvez, uma de suas maiores crises, muito se fala que não haverá o normal, não ao menos ao “velho normal”.

Muita coisa mudou e muitas ainda passarão pelo processo de mutação.

Os países do mundo enfrentaram suas crises econômicas e terão que dar respostas rápidas para evitar colapsos.

Mas sem dúvidas os maiores impactos foram nas relações humanas, os comportamentos, a percepção de coletividade, a solidariedade, os cuidados com as pessoas do grupo de risco, etc.

O Brasil ainda vive em meio às incertezas de erros e acertos nas decisões sobre o gerenciamento da pandemia.

O mundo já vivenciou grandes tragédias, algumas provocadas pela ignorância humana, outras pelas intemperes da natureza, mas nada tão invisível como a atual mazela que assola o mundo.

Não obstante, as reações foram as mais diversas, medo, negacionismo, crença no ataque comunista, desespero quanto ao futuro, e a pior de todas as reações, o choro pela perda de seus entes queridos.

O futuro exigirá do país muita luta, confiança na ciência e mudança de paradigmas, ainda haverá vidas perdidas, mas que nenhuma delas sejam em vão.

Cabe a cada um dos brasileiros uma reflexão de suas atitudes como coletividade, como povo, como nação.

Que seja possível a volta ao normal, ou a adaptação ao novo normal, que o aprendizado tenha sido suficiente para que reações como estas não mais aconteçam, ou sejam combatidas antes de tantas narrativas fora de contexto, que levaram o país para o caos.

REFERÊNCIAS

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX.** Breve companhia/Ensaio Ed. companhia das Letras, São Paulo, 2020.

SALAS, Javier. **Movimento antivacina cresce em meio à pandemia.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-06-04/movimento-antivacina-cresce-em->

meio-a-

pandemia.html#:~:text=Coronav%C3%ADrus%3A%20Movimento%20antivacina%20cresce%20em,pandemia%20%7C%20Ci%C3%AAncia%20%7C%20EL%20PA%C3%8DS%20Brasil. Acesso em: 09 set. 2020.

DA REDAÇÃO. PC pede que população denuncie mulher que diz que caixões foram abertos em BH. Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/cidades/pc-pede-que-populacao-denuncie-mulher-que-diz-que-caixoes-foram-abertos-em-bh-1.2332405>. Acesso em: 09 set 2020.

UOL. Coronavírus. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/06/12/ele-esta-incentivando-a-baderna-desabafo-de-enfermeira-apos-bolsonaro-pedir-que-seguidores-invadam-hospitais.htm?..> Acesso em: 09 set. 2020.